

# **O PROCESSO DE ESVAZIAMENTO DA UNASUL E SEU SIGNIFICADO PARA O REGIONALISMO SUL-AMERICANO ATUAL: AGENDAS E DESAFIOS DE PESQUISA EM INTEGRAÇÃO REGIONAL**

*USAN'S WEAKENING PROCESS AND ITS MEANING TO SOUTH-AMERICAN REGIONALISM: AGENDAS AND CHALLENGES FOR RESEARCH ON REGIONAL INTEGRATION*

*Diego Antunes<sup>1</sup>*

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## **Resumo**

Iniciativa promissora durante seu processo de surgimento e estabelecimento, a Unasul se encontra hoje num estado de ostracismo funcional. Dada a abrangência dos objetivos nela depositados, das funções a ela conferidas e da cobertura geográfica subcontinental, pode-se afirmar que seu desmantelamento tem implicações consideráveis ao regionalismo sul-americano, e que tal processo de enfraquecimento se revestiria, portanto, de relevância programática e acadêmica. O que diz a literatura brasileira sobre esse processo? O presente trabalho busca examinar a hipótese de que a crise da Unasul e seu significado para o regionalismo sul-americano não tem sido tema de interesse central dos estudos nacionais de integração. A fim de examinar essa proposição, este trabalho, de caráter exploratório, lança mão de revisão bibliográfica sobre estudos acerca da Unasul a fim de compreender as principais hipóteses relacionadas com o declínio da organização, os interesses de pesquisa predominantes, as possíveis negligências e possibilidades agendas de estudo. Conclui-se que a hipótese de estagnação da Unasul, ainda que não diretamente tratada pela literatura, já era prenunciada pelo menos desde o surgimento da organização em diferentes trabalhos.

## **Palavras-chave**

Unasul. Integração Regional. Declínio. Revisão Bibliográfica.

---

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: diego-fba@hotmail.com.

**Abstract**

*A promising initiative during its creation and establishing process, the USAN finds itself nowadays in a state of functional ostracism. Considering the magnitude of the objectives and functions attached to it and its subcontinental coverage, one could say that USAN's dismantlement has substantial implications for South American regionalism, and that such weakening process would have programmatic and academic relevance. What does the Brazilian literature have to say about this subject? The following paper seeks to examine the hypothesis that USAN's crisis and its meaning for South-American regionalism have not been a central interest in national studies on integration. In order to examine this proposition, this exploratory article reviews literature on USAN to understand the main hypothesis related to USAN's decline, predominant research interests, neglected topics and possibilities for further research. The paper concludes that hypothesis related to USAN's decline, although not directly dealt with by the literature, were already present at least since the creation of the organization.*

**Keywords**

*USAN. Regional Integration. Decline. Literature Review.*

## 1. INTRODUÇÃO

Outrora propagandeada como o futuro da integração regional e a chave para o fortalecimento da América do Sul perante o mundo multipolar do século XXI, a União de Nações Sul-Americanas (Unasul) registra, pelo menos desde 2014, um profundo estado de ostracismo funcional e paralisia de seus trabalhos. Com sua sede fechada desde 2018, sete dos doze países tendo se retirado ao longo de 2019 e a ausência das Cúpulas das Chefas e Chefes de Estado e de Governo (única instância de real poder decisório dentro da organização, cuja realização anual não ocorre desde 2014), hoje pode-se falar num abandono do projeto regionalista depositado na organização.

Dada a abrangência de seus objetivos – os quais vão desde a defesa da democracia até o desenvolvimento econômico, passando por questões identitárias, educacionais e infra estruturais – e de sua cobertura geográfica subcontinental, torna-se razoável considerar que o desmantelamento da Unasul tenha significância para o regionalismo sul-americano. Baseando-se nessa premissa, este trabalho formula a inquietação que o motiva: o que diz a literatura brasileira de integração regional acerca desse processo? Como hipótese, afirma-se que a crise da Unasul e seu significado

para o regionalismo sul-americano não tem sido tema de interesse central dos estudos nacionais de integração.

Para examinar tal afirmação, esta pesquisa realizou uma revisão bibliográfica, de caráter exploratório, visando atender os seguintes objetivos: primeiro, delinear hipóteses levantadas pela literatura capaz de explicar esse processo de esvaziamento; segundo, delimitar os temas e aspectos priorizados pela literatura, bem como as negligências; terceiro, definir agendas de pesquisa capazes de contribuir para a compreensão teórica desse processo e dos seus impactos no atual momento do regionalismo sul-americano.

Em termos operacionais, levantou-se artigos, teses e dissertações ligadas ao tema da Unasul durante o período de criação da organização até a contemporaneidade (2007-2019). Nesse levantamento, optou-se por não incluir trabalhos registrados anais de eventos ou livros que tratem sobre a organização, em razão dos limites materiais.

A organização dos trabalhos revisados foi feita de acordo com cinco eixos temáticos, os quais organizam as subseções do presente artigo. Tais eixos correspondem a trabalhos focados: no significado da Unasul para o regionalismo sul-americano; nas ligações entre a Unasul e a política externa brasileira; nos aspectos institucionais da organização; em aspectos pontuais de integração; e em perspectiva comparada. Essa divisão não pressupõe que trabalhos em um eixo tratem exclusivamente daquele tema, mas sim que o problema ou objetivo geral do trabalho estejam voltados mais diretamente ao tema em questão.

Por fim, deve-se ressaltar que a revisão foi feita com base em trabalhos que mencionassem a Unasul no título, resumo ou palavras chave. Reconhece-se a possibilidade do tema ser tangenciado por trabalhos que tratem de outros objetos correlatos,

mas a fim de manter um nível de esquematização, foi feita a filtragem com base nesses critérios.

## **2. O SIGNIFICADO DA UNASUL PARA O REGIONALISMO SUL-AMERICANO**

Quais as implicações da criação de um processo de integração regional que englobe toda a América do Sul? Muitos foram os trabalhos preocupados com essa questão. Ventura e Baraldi (2008), por exemplo, se indagam: seria a assinatura do Tratado Constitutivo da Unasul mero “fogo de artifício retórico” numa região desunida, ou poderia vir a se constituir num catalisador de uma convergência política inédita? A resposta das autoras foi negativa: abundância de objetivos holísticos e uma estrutura institucional fraca sinalizavam uma iniciativa que não se manteria, sendo sustentadas por governos de esquerda que, afoitos ao nacionalismo, não dotariam a integração de irreversibilidade.

Críticas à parte, a Unasul é comumente apontada como demonstrando certa eficiência no gerenciamento de crises. Severgnini (2017), por exemplo, se pergunta quais as relações entre a construção da Unasul como espaço de diálogo e as crises que foi capaz de resolver. Empregando densa revisão bibliográfica, o autor conclui que a Unasul configura o esforço sul-americano de condicionar as relações regionais ao imperativo da consolidação democrática, e que seria essa a base de sua atuação sobre as crises.

Com argumento semelhante, Simões (2008) busca contribuir com a problemática do significado da Unasul na consideração da organização como marco de mudança de paradigma nas relações exteriores subcontinentais, como oportunidade de aceleração do desenvolvimento dos países membro e como plataforma de projeção internacional da região em um mundo multipolar. Para tal, o autor argumenta que os eixos centrais da Unasul para a promoção desses três processos seriam o da energia, o da infraestrutura e o da segurança.

Recorrente é a ideia dos potenciais da Unasul para a reorganização das relações regionais. Para Brayner (2016), a organização seria fundamental em afirmar suas potencialidades emancipatórias no tocante à democracia e aos direitos humanos ao contrapor um modelo de integração baseado na globalização neoliberal. Colocando a Unasul como modelo concorrente, o autor conclui que o risco do enfraquecimento dela estaria ligado à substituição da mesma por mecanismos extra regionais que repactuem laços de dependência.

Oliveira (2017) também coloca a Unasul em oposição a um modelo alternativo de integração, a Organização dos Estados Americanos (OEA). Perguntando-se se a constituição da Unasul representaria uma transferência de governança hemisférica para um arranjo subemisférico, o autor conclui que essa potencialidade existe, mas que ela estaria ameaçada pela efetividade e legitimidade institucional da Unasul, e que isso dependeria da conjuntura e do interesse dos países membros.

Também pensando em potencialidades, Barnabé (2011) indaga quais os interesses comuns entre os países sul-americanos que poderiam embasar a integração. Para ele, o principal seria trazer para a América do Sul a resolução dos problemas subcontinentais, trocando-se a OEA pela Unasul. Para tal, seria necessário aprofundar a integração, o que exigiria revisar interesses nacionais em favor de interesses comunitários. Tal argumentação se assemelha à de Serbin (2009), quem entende que a Unasul teria capacidade potencial para substituir a OEA, mas que isso dependeria de a organização ser munida de estrutura institucional capaz de sustentar suas decisões a longo prazo.

Essa preocupação institucional é recorrente. Para Senhoras (2010), a Unasul representaria o resultado de um processo de três transformações: apropriação de uma noção de regionalização transnacional por parte da intelectualidade brasileira,

adoção de um discurso de identidade sul-americana, e a esquematização de uma série de esquemas políticos e econômicos regionais na Unasul. Ainda assim, para a autora, a Unasul se apresentaria como o modelo contrário à Comunidade Andina (CAN) e seu modelo supranacional maximalista. O problema do modelo de baixa institucionalização seria deixar a integração refém da disposição dos Estados membros.

Um pouco mais otimistas, Grassi e Casa (2019) se perguntam quais as implicações da criação da Unasul e os principais desafios do atual cenário sul-americano para a mesma. Para as autoras, a organização se destaca por dar maior atenção a aspectos não econômicos da integração, mas ainda seria afrontada pela forte assimetria entre seus Estados membro, pela heterogeneidade regional, pelos nacionalismos e pela falta de interesse político. Para elas, o fato de a IIRSA ter se desenvolvido mais do que o COSIPLAN seria indício de que mesmo na Unasul, a integração econômica teria preferência.

Por fim, Raposo (2018) faz uma discussão construtivista, buscando entender se a constituição da Unasul (bem como a existência do Mercosul e da CAN) constituem algum tipo de comunidade imaginada. Raposo identifica que existe o potencial para que organizações de integração regional leve o planejamento de políticas públicas para o plano regional, mas que a identidade sul-americana ainda é incipiente.

Assim, dentro dos trabalhos desse eixo, identifica-se duas recorrências importantes: primeiro, a ideia de que a Unasul permite a organização do sistema regional sul-americano de modo a constituir a região num polo de poder frente o mundo multipolar do século XXI, seja pela manutenção da estabilidade democrática, pela promoção de integração setorial, pela emancipação democrática e dos direitos humanos ou pela substituição do mecanismo hemisférico da OEA; segundo, a ideia de que a Unasul é um conjunto de possibilidades: suas capacidades para alcançar seus objetivos ou cumprir suas funções são capacidades potenciais – a institucionalização da organização e a convergência de

interesses dos Estados-membro seriam as bases para transformar essas potencialidades em realidade.

### **3 O PAPEL DA UNASUL NA POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA**

A grosso modo, os trabalhos desse eixo podem ser agrupados em três vertentes: uma primeira que explora, implícita ou explicitamente, a premissa de que a integração regional sul-americana é dependente da liderança regional brasileira; uma segunda mais ligada ao lugar da Unasul dentro de um projeto de inserção internacional mundial brasileiro; e uma terceira que trabalha paradoxos de uma política externa brasileira nacionalista e iniciativas de integração.

Almeida (2017) exemplifica a primeira vertente com sua hipótese central de trabalho: muitas seriam as variáveis condicionantes da integração regional sul-americana manifestada na Unasul, mas todas essas variáveis seriam determinadas pela posição e estratégia adotada pelo Brasil. Da mesma forma, Moraes (2015) analisa o processo de constituição e consolidação da Unasul a partir da perspectiva brasileira, concluindo que a integração regional na América do Sul depende primordialmente do Brasil, o que demandaria coordenação eficiente entre o esforço integracionista externo e a administração federal interna.

O mesmo raciocínio é aplicado a eventos específicos. Nesse sentido, Moura (2016) se pergunta como o Brasil teria conduzido sua política externa nos processos de resolução de contenciosos regionais. Ele destaca que nesses processos, a condução ativa da política externa brasileira, através da Unasul, fortaleceu o processo de integração regional. Similarmente, Rocha (2018) busca compreender o papel da Unasul com relação a três crises sul-americanas entre 2008 e 2012 a partir da atuação do

Brasil. Sendo assim, para Rocha, o sucesso da mediação da Unasul nas crises boliviana (2008) e equatoriana (2010) se deveria a um alinhamento entre Brasil e Unasul, e que a ausência desse alinhamento explicaria o mau gerenciamento da crise paraguaia de 2012.

Tal constatação traz a ideia de que a presidência de Dilma Rousseff retirou prioridade conferida pelo antecessor à América do Sul. Pensando nisso, Souza (2008) se pergunta acerca do significado do regionalismo praticado pelo Brasil durante o período Rousseff, atestando que houve um enfraquecimento da integração regional durante o governo da ex-presidente.

A segunda vertente delineada se ocupa de trabalhar a ligação entre a Unasul e o projeto de liderança regional e projeção internacional brasileiros durante os anos de negociação e estabelecimento da organização. Nesse sentido, Bragança (2016) se pergunta como a política externa brasileira, a estratégia de liderança regional e o esforço de integração se coadunaram na Unasul, concluindo que a organização seria o maior êxito da estratégia de liderança regional brasileira e que deveria ser permanentemente aprimorada.

O recorte temporal desses trabalhos reside nos anos do governo Lula e Dilma. Martinelli (2018), por exemplo, se pergunta por que a política externa de Lula optou por priorizar a América do Sul e as relações sul-sul, encontrando no projeto de liderança regional sua resposta. Tal projeto, por sua vez, é mais enfaticamente afirmado por Reis (2015). O autor se pergunta quais mecanismos de hegemonia cooperativa foram empregados pelo Brasil de 2000 a 2012, em termos de liderança regional. Para Reis, o período considerado registra a execução de políticas de integração ligadas à estratégia de projeção de influência sobre países vizinhos. Assim, o Brasil buscaria robustecer seu eixo de integração sul-americano em um plano mais amplo de projeção das capacidades regionais e mundiais, através do estabelecimento da Unasul.

Uma preocupação recorrente dessa vertente é a atuação brasileira regionalmente preeminente em crises solucionadas pelo intermédio da Unasul. Assim, tanto as crises regionais boliviana de

2008, equatoriana de 2010, paraguaia de 2012 e venezuelana de 2014-15 são analisadas por trabalhos como o de Santos (2018), quem busca entender se o Brasil exerceu papel de liderança nessas ocasiões. O autor conclui que na busca de projeção, o Brasil teria agido enfaticamente em boa parte dessas crises – excetuando-se a crise paraguaia de 2012 e a crise venezuelana a partir de 2014. Em ambos os casos, o país já não estaria disposto a arcar com os custos da liderança regional.

O caso do Paraguai em 2012 é objeto dos trabalhos de Soares (2016) e Santos (2015). Este último, em específico, se vale do caso para demonstrar que o perfil da política externa brasileira não seria de contestação, mas sim de promoção de um capitalismo sul-americano organizado pelo país enquanto liderança regional, através de mecanismos como a Unasul. Na mesma linha, Gehre e Couto (2010), avaliam que organizações tais com a Unasul, o Grupo do Rio e a Celac teriam o propósito de reorganizar o sistema interamericano em moldes brasileiros, substituindo arranjos hemisféricos como OEA e Tiar.

Propondo enfoque diferente, Moraes (2013), busca analisar as relações entre o projeto da Unasul e a administração nacional de políticas públicas relativas aos propósitos da organização internacional. Para ele, haveria um hiato entre os desígnios de formação de um polo de poder sul-americano e a coordenação de políticas pública nacionais nesse sentido. Em abordagem semelhante, Carvalho (2018) busca analisar as relações entre os poderes Executivo e Legislativo sobre a política externa brasileira no processo de criação da Unasul e do Banco do Sul. O autor atesta que durante os anos Lula, o Legislativo brasileiro teria angariado maiores competências internacionais, o que teria criado dificuldades a esse processo.

Por fim, Carvalho e Bressan (2017), se perguntam quais os desafios da atuação brasileira na Unasul. Os autores consideram

que a fluidez institucional e a temática ampla da organização poderiam contribuir para a afirmação da liderança regional brasileira, mas que essas mesmas condições poderiam ensejar dificuldades: com um Brasil ambivalente – ora arcando com os custos da liderança regional, ora se isolando em seus próprios desígnios extra regionais – a Unasul se veria em risco, dado que as assimetrias entre seus membros e a plasticidade institucional lhe fariam refém da liderança brasileira.

Tais considerações se ligam com a terceira vertente elencada: o paradoxo da política externa brasileira para a integração regional. Em seu trabalho, Fucille e Ramanzini Júnior (2017) se propõem a compreender a atuação brasileira regional. Os autores argumentam que as ações brasileiras no período de 2011 a 2014 evidenciam três fatores: primeiro, o Brasil teria procurado apoiar modalidades pouco institucionalizadas de governança regional; segundo, teria almejado conciliar autonomia nacional com o aumento de compromissos em organismos regionais; e terceiro, o país não teria fornecido auxílio adequado para a formação de uma burocracia regional que proporcionasse condições operacionais mínimas de sustentação das iniciativas integracionistas propostas.

É Pedroso (2013), contudo, que mais evidencia o paradoxo. O problema do autor reside na suposta dualidade da política externa brasileira, dividida entre o regional e o global. Levantando a hipótese de que o Brasil busca evitar que arranjos institucionais comprometam sua autonomia de ação internacional, Pedroso atesta que o Brasil promoveu a Unasul enquanto ator internacional, mas contraditoriamente agiria como ator individual em fóruns internacionais diversos. Isso seria um problema pois, para Pedroso, tal como argumentaram Carvalho e Bressan, a Unasul dependeria da liderança brasileira para progredir.

#### **4 ASPECTOS INSTITUCIONAIS DA ORGANIZAÇÃO**

Aspectos institucionais da Unasul parecem, ao menos de acordo com o levantamento presente, um tema de pouco interesse dado o baixo número de trabalhos especificamente voltados à questão. Com relação a esse aspecto, Figueiredo (2014) discute se as instituições formuladas nos marcos da Unasul estariam aptas para realização dos amplos objetivos fixados. Para o autor, a ausência de qualquer grau de supranacionalidade e de um sistema de solução de controvérsias colocariam dúvidas sobre a capacidade da organização de alcançá-los. Ainda assim, o autor ressalta que a “institucionalidade aberta”, pela qual novos órgãos poderiam ser criados posteriormente, poderia vir a melhorar as chances da organização ser efetiva em seus propósitos.

Uma argumentação semelhante é feita por Abrates (2017), quem, ao analisar a efetividade da Unasul a partir de um ponto de vista institucional entre 2011 e 2014, conclui que a institucionalização da Unasul é um processo contínuo compatível com seu tamanho, seu tempo de criação e suas condições, estando sujeita a acontecimentos globais e transbordamentos de crises internas.

Na mesma seara, Schmidt (2016) se pergunta por que o tratado constitutivo da Unasul estipularia alto nível de institucionalização quando o padrão precedente de institucionalização sul-americana seria baixo. Para ele, objetivos complexos e condicionantes geopolíticas teriam impellido um processo de alta institucionalização sustentado principalmente por Argentina, Brasil e Venezuela. Entretanto, o recorte intergovernamental e a baixa intensidade caracterizaria a Unasul como ainda insuficientemente institucionalizada.

Por fim, Amâncio (2017) busca identificar quais as relações entre as assimetrias dos países membros e o processo de institucionalização da Unasul. Ele atesta que a baixa institucionalização criaria problemas diante de uma região marcada

por países assimétricos de interesses diversos. Mais otimista, contudo, Amâncio afirma que todo processo de integração irá esbarrar em discordâncias, e que isso por si só não seria sinônimo de fracasso à integração.

## **5 ASPECTOS PONTUAIS DA UNASUL E PERSPECTIVA COMPARADA**

Uma das hipóteses recorrentes destacadas no presente trabalho é a de que a Unasul representaria um conjunto de potencialidades cuja efetividade dependeria de vários fatores. Menos preocupados com aspectos gerais da integração, muitos trabalhos se propõem a analisar e, em certa medida, avaliar os avanços da Unasul em campos ou setores específicos de atuação.

A importância da Amazônia para a integração regional sul-americana (BRAGANÇA; TINOCO, 2017), as possíveis convergências entre Unasul e OTCA (RODRIGUES, 2014), o posicionamento brasileiro dentro do Conselho de Defesa (SILVA, 2015), as implicações desse conselho para o regime sul-americano de defesa (GOULART, 2017) dentre outros temas como saúde, cidadania ou o papel individual de países específicos figuram nesse grupo.

Por fim, estudos comparativos entre a Unasul e outras iniciativas não foram encontradas em grande quantidade. Preocupação comum aos poucos encontrados é a de extrair algum tipo de padrão que explique o regionalismo sul-americano. Albuquerque (2017), por exemplo analisa comparativamente Alba, Unasul, Celac e Mercosul a fim de compreender as relações entre as esferas sul-americana e centro-americana de integração. Também preocupada com processos integracionistas inter-regionais, Naddi (2016) se propõe a comparar a Unasul e a Aliança do Pacífico enquanto instrumentos de inserção estratégica do Brasil e do México, respectivamente.

Pinchemel (2016), por sua vez, busca identificar um padrão de regionalismo sul-americano através da análise da Aladi, Mercosul e Unasul, examinando a hipótese de que existiria um

modelo sul-americano de integração que não pode ser confundido com outros modelos, nomeadamente o europeu. Ela conclui que, para além de diversas semelhanças pontuais em sua criação e funcionamento, as organizações de integração regional sul-americanas assemelham-se também em sua forte sujeição ao controle estatal e, conseqüentemente, ao rechaço a formas supranacionais de integração.

Já Ribeiro (2016) se pergunta se a diversidade de iniciativas integracionistas na América Latina configura fragmentação ou complementaridade dos processos. Para a autora, no geral, a existência de diversas iniciativas tais como Unasul, Mercosul ou CAN acaba por gerar “*overlapping* institucional”, que por sua vez favorece uma dinâmica de “*forum shopping*” pela qual os Estados conseguem subverter determinados processos decisórios ao recorrerem às organizações cujas regras melhor lhes beneficiem em detrimento de outras. Segundo Ribeiro, o forte nacionalismo subjacente à integração regional sul-americana explicaria esses furos na cooperação.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão bibliográfica aqui empreendida permite a esquematização de algumas hipóteses recorrentes. Em termos de significado para o regionalismo sul-americano, a Unasul representaria a constituição da América do Sul em um novo polo de poder num mundo multipolar, a substituição da governança hemisférica pela governança subcontinental, e a possibilidade de estabilização das relações regionais. Contudo, constatou-se que a Unasul sempre foi dependente da liderança e do apoio brasileiros, além de integrar um projeto que fazia dela um dentre vários objetivos internacionais. Vem daí a constatação de alguns trabalhos acerca do paradoxo nacionalismo/regionalismo. Trata-se de uma

contradição importante, pois outra observação levantada diz respeito à fraca institucionalização e à heterogeneidade de países como fatores que mantinham a Unasul refém da disposição brasileira – a qual, como se sabe, mudou drasticamente a partir da crise interna desatada em 2013.

Assim, pode-se afirmar que a hipótese inicialmente colocada está apenas parcialmente correta. Ainda que a estagnação da Unasul não seja objetivo declarado de nenhum dos trabalhos revisados, as possibilidades de que essa estagnação ocorresse já estavam previstas em algumas das hipóteses levantadas. Ainda existe a ausência, contudo, de trabalhos que esquematizem esses diversos fatores numa explicação única e, talvez mais importante, trabalhos debatendo o significado da estagnação da Unasul para o regionalismo sul-americano. O regionalismo pós-hegemônico terminou, ou estaria ele meramente paralisado? Estaria a Unasul em condições de ser revitalizada a fim de continuar o ciclo interrompido em 2016?

Responder essas perguntas exige mais do que uma revisão bibliográfica. O levantamento dos trabalhos – de forma alguma completo – permite algumas sugestões de agendas de pesquisa importantes. Primeiro, há uma carência de teorização sobre integração regional na literatura brasileira. No geral, os autores executam trabalhos bastante empíricos e, quando mencionam a questão teórica, o fazem para criticar a adoção de abordagens europeias no caso sul-americano. Ainda que a crítica seja válida, é preciso se perguntar acerca da alternativa teórica sul-americana aos modelos supranacionais europeus.

Isso significa dar maior atenção, também, à questão conceitual. O que é integração regional? Deve ela ser entendida como a criação de uma organização capaz de atender seus objetivos, ou deve ela ser analisada a partir dos objetivos de um Estado em particular? Fazer essa distinção é importante, pois como se constatou, são lógicas diferentes e, em certa medida, conflitivas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA, Willy Soto (Ed.). **Repensar las fronteras, la integración regional y el territorio**. Heredia: Clacso, 2017. p. 109-124.

ALMEIDA, Paulo Roberto de. “Regionalismo sul-americano: uma visão estratégica a partir do brasil”. **Pontes**, [s.l.], p.10-11, dez. 2007.

AMÂNCIO, Marina Pinheiro. **O processo de institucionalização da Unasul e as assimetrias entre os países-membros**. 2017. 117 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência Política, Centro de Ciências Humanas e Letras, Ufpi, Teresina, 2017.

BARNABÉ, Israel Roberto. “Unasul: desafios e importância política”. **Mural Internacional**, [s.l.], a. 2, n. 1, p.40-48, jul. 2011.

BASTOS, Fabrício Henricco Chagas; METZGER, Fabio. “O caso Lugo ou qual Maquiavel o Brasil pretende ser”? **Revista Conjuntura Austral**, Porto Alegre, v. 3, n. 13, p.34-44, set. 2012.

BOTELHO, Adriano. “Argentina e Brasil: possibilidades e obstáculos no processo de integração territorial”. **Geosp: espaço e tempo**, São Paulo, n. 32, p.214-218, 2012.

BRAGANÇA, Danilo Avellar. “A Unasul como estratégia de expansão da liderança regional brasileira”. **Oikos**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p.37-47, 2016.

BRAYNER, André Vitorino Alencar. **Direito À Integração Democrática Na América Do Sul**: Considerações Políticas E Jurídicas Sobre A Unasul. 2016. 166 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Direito Constitucional, Ppgd, Unifor, Fortaleza, 2016.

CARVALHO, Daniel Campos de; BRESSAN, Regiane Nitsch. “Unasul e a projeção brasileira”. **Perspectivas**, São Paulo, v. 50, n. 1, p.87-110, jul./dez. 2017.

CARVALHO, Glauber Cardoso. **A Política Externa Brasileira E O Processo Decisório Da Integração Sul-Americana Na Era Lula**: Interesses, Atores E As Transformações Do Sistema Interestatal. 2018. 285 f. Tese (Doutorado) - Curso de Economia, Instituto de Economia, Ufrj, Rio de Janeiro, 2018.

DEITOS, Marc Antoni. **Possibilidades e desafios para um projeto sul-americano de cooperação em temas relacionados à propriedade intelectual no âmbito da Unasul**. 3º Encontro Nacional ABRI, 2011. Disponível em:  
[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC0000000122011000300015&lng=en&nrm=iso](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000122011000300015&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 10 set. 2019.

GRASSI, Jéssica Maria; CASA, Gabriela Mesa. “A Unasul e os desafios na institucionalização do espaço geopolítico sul-americano”. **Espirales**, [s.l.], p.98-214, maio 2019.

GEHRE, Thiago; COUTO, Leandro. “O Brasil e a reorganização do Sistema Interamericano”. **Meridiano 47**, [s.l.], n. 117, p.6-7, abr. 2010.

FIGUEIREDO, Alexandre Ganan de Brites. “A União de Nações Sul-americanas: institucionalidade e desafios”. **Cadernos Prolam/usp**, São Paulo, v. 24, n. 13, p.137-152, 2014.

FUCCILLE, Alexandre; RAMANZINI JUNIOR, Haroldo; DE ALMEIDA, Rafael. “O governo Dilma Rousseff e a América do Sul: a atuação brasileira na UNASUL (2011-2014)”. **Colombia Internacional**, [s.l.], v. 92, p.43-72, 1 out. 2017. Universidad de los Andes.

GARZÓN, Isabel Albornoz. “Algunas reflexões sobre a UNASUL”. **Pontes**, [s.l.], p.20-23, jun. 2007.

GOULART, Pedro Maués de Avila. **O Impacto Da Unasul Nas Relações Com Os Eua: uma análise das agendas de defesa e segurança no sistema interamericano**. 2017. 153 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos Estratégicos de Defesa e da Seguirança, Instituto de Estudos Estratégicos, Uff, Rio de Janeiro, 2017.

KAN, Julián. “Liderança à brasileira”. **Gv-Eecutivo**, [s.l.], v. 9, n. 2, p.34-36, 22 mai. 2010.

LUIGI JÚNIOR, Ricardo Abrate. **A Integração Regional Na América Do Sul: A Efetividade Da União Das Nações Sul-Americanas (UNASUL)**. 2017. 211 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

MARQUES JÚNIOR, William Paiva. **A Integração, O Meio Ambiente E A Democracia Na América Do Sul: O Significado Do Novo Constitucionalismo Democrático Latino-Americano E Da Democracia Participativa Para A Construção Da Unasul**. 2016. 403 f. Tese (Doutorado) - Curso de Direito Constitucional, Faculdade de Direito, Ufc, Fortaleza, 2016.

MARTINELLI, Talita. **Política externa brasileira e América do Sul: uma escolha estratégica (2003-2010)**. 2018. 176 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2018.

MEDEIROS, Marcelo de Almeida; TEIXEIRA JÚNIOR, Augusto Wagner Menezes; REIS, Elton Gomes dos. “Cooperação para autonomia? Explicando o paradoxo da política externa brasileira para a Unasul”. **Revista de Sociologia e Política**, [s.l.], v. 25, n. 61, p.97-123, mar. 2017.

MELO, Giulia Carolina de. **A União de Nações Sul-Americanas: Processo de Constituição e Visão Brasileira**. 2014. 160 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Ppgh, Ufpe, Recife, 2014.

MORAES, Marcelo Viana Estevão de. **O Brasil e a Unasul: integração regional da América do Sul e coordenação de governo**. 2014. 179 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Centro de Ciências Sociais, Puc Rio, Rio de Janeiro, 2014.

\_\_\_\_\_. “A política externa brasileira e a integração da América do Sul: o Brasil, a Unasul e a Coordenação de Governo”. **Revista de Políticas Públicas e Gestão Governamental**, [s.l.], v. 14, n. 2, p.71-85, dez. 2015.

MOURA, Nayanna Sabiá de. **Condução Da Política Externa Brasileira Na Unasul: O Modus Operandi Do Brasil Nas Reuniões Extraordinárias Entre 2008 E 2014**. 2016. 160 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, 2016.

MURAKI JUNIOR, Wilson Tadashi. “Unasul: uma América do Sul unida mexerá com o tabuleiro do poder no mundo”. Será?. **Meridiano 47**, [s.l.], n. 95, p.15-17, jun. 2008.

NADDI, Beatriz Walid de Magalhães. **A inserção de Brasil e México na integração latino-americana: a UNASUL e a Aliança do Pacífico**. 2018. 190 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Integração da América Latina, Prolam/usp, Usp, São Paulo, 2018.

NERY, Tiago. “UNASUL: a dimensão política do novo regionalismo sul-americano”. **Caderno Crh**, [s.l.], v. 29, n. 3, p.59-75, 2016.

\_\_\_\_\_. “A política externa brasileira, as coalizões de poder e a Unasul: ascensão e desconstrução da América do Sul como bloco geopolítico”. *Brazilian foreign policy, the coalitions of power and UNASUR*. **Mural Internacional**, [s.l.], v. 8, n. 2, p.250-264, 30 dez. 2017.

OLIVEIRA, Johidson André de. **OEA e UNASUL: Transição de uma governança hemisférica para uma subemisférica?**. 2017. 144 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Integração da América Latina, Prolam/usp, Usp, São Paulo, 2017.

PEDROSO, Carolina Silva. “O Brasil de Lula da Silva: entre o regional e o global. O caso da Unasul”. **Monções**, Dourados, v. 2, n. 3, p.319-344, jun. 2013.

PERUZZO, Pedro Pulzatto; SPADA, Arthur Ciciliati. “Novos direitos fundamentais no âmbito da UNASUL: análise das agendas de Brasil e Venezuela à luz do direito à paz”. **Revista de Direito Internacional**, Brasília, v. 15, n. 2, p.309-338, 2018.

PINCHEMEL, Elisa de Souza Ribeiro. **Instituições e integração regional na América Do Sul: uma análise comparativa entre Aladi, Mercosul e Unasul**. 2016. 215 f. Tese (Doutorado) - Curso

de Ciências Sociais, Instituto de Ciências Sociais, Unb, Brasília, 2016.

RIBEIRO, Clarissa Correa Neto. **Overlapping, regionalism e proliferação de instituições na América Latina:** complementariedade e fragmentação nas agendas regionais. 2016. 127 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Unesp / Unicamp / Puc-sp, São Paulo, 2016.

ROCHA, Ilaria Regina Rodrigues. **Crisis regionais, a Unasul e a política externa brasileira.** 2018. 188 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Instituto de Economia e Relações Internacionais, Ufu, Uberlândia, 2018.

RODRIGUES, Gilberto Marcos Antonio. “A Amazônia como foco da integração: a convergência entre a Unasul e a OTCA”. **Extraprensa (usp)**, São Paulo, v. 1, n. 13, p.54-61, dez. 2013.

SANTOS, Fabio Luis Barbosa dos. “Dois ângulos para uma análise da projeção regional brasileira: a visão do Departamento de Estado norte-americano e a questão brasiguaiá”. **Papel Politico**, Bogotá, v. 20, n. 2, p.565-583, 2015.

SANTOS, Janine Macedo Vitorino dos. **O projeto e a atuação do Brasil como liderança regional.** 2018. 77 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Instituto de Economia e Relações Internacionais, Ufu, Uberlândia, 2018.

SCHMIDT, Rafael Vitória. **A Institucionalização Da Unasul (2004-2012):** Os Papéis De Argentina, Brasil E Venezuela. 2016. 195 f. Tese (Doutorado) - Curso de Estudos Estratégicos Internacionais, Faculdade de Ciências Econômicas, Ufrgs, Porto Alegre, 2016.

SERBIN, Andrés. “A América do Sul em um mundo multipolar: a Unasul é a alternativa?” **Nueva Sociedad**, [s.l.], v. 1-2, n. 219, p.4-16, 2009.

SENHORAS, Elói Martins. **A regionalização transnacional na América do Sul e a institucionalização diplomática da Unasul**. Núcleo Amazônico de Pesquisa em Relações internacionais (NAPRI), 2010. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/fff1/05f7f6cce7363c051e2964f0e7b61b173f18.pdf>. Acesso em 10 set. 2019.

SEVERGNINI, Nastasia Valentina Barceló. **Democracia e integración en América del Sur: la acción de la UNASUR en las crisis político-institucionales de Bolivia (2008) y Ecuador (2010)**. 2017. 80 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, San Tiago Dantas, Unesp / Unicamp / Puc-sp, São Paulo, 2017.

SILVA, Carolina Albuquerque. **A CELAC e o regionalismo na América Latina e Caribe no século XXI: entre a autonomia e a contra-hegemonia**. 2017. 115 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos Comparados Sobre As Américas, Departamento de Estudos Latino-americanos, Unb, Brasília, 2017.

SILVA, Diego Elison do Nascimento. “Conquistas e desafios da Unasul: panorama regional nos primeiros cinco anos de vigência”. **Orbis Latina**, Foz do Iguaçu, v. 7, n. 1, p.99-112, jun. 2017a.

SILVA, Marcos Antonio da; ARCE, Anatólio Medeiros. Política Externa e Integração Regional: a Diplomacia Venezuelana entre a ALBA e a UNASUL”. **Revista Sul-americana de Ciência Política**, [s.l.], v. 1, n. 3, p.98-109, 2013.

SILVA, Tienay Picanço da Costa. **Análise Do Posicionamento Estratégico Do Brasil Frente Ao Conselho De Defesa Sul-Americano Da Unasul:** de 2009 a 2015. 2015. 103 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência Política, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Ufpa, Belém, 2015.

SIMÕES, Antônio José Ferreira. “Unasul: a maturidade da América do Sul na construção de um mundo multipolar”. **Tendências Mundiais**, Fortaleza, v. 4, n. 7, p.260-272, dez. 2008.

SOARES, Arthur Felipe Murta Rocha. **Paraguai 2012: O Papel Do Brasil E A Ação Da Unasul.** 2016. 125 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, San Tiago Dantas, Unesp / Unicamp / Puc-sp, São Paulo, 2016.

SOARES, Clemente de Lima Baena. “América do Sul: prioridade para a política externa brasileira”. **Mural Internacional**, [s.l.], v. 5, n. 1, p.3-9, jun. 2014.

SOUZA, Lucas Eduardo Silveira de. **O Brasil e o Regionalismo Sul-Americano:** o papel da Unasul na política externa do governo Rousseff. 2018. 156 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Instituto de Relações Internacionais, Unb, Brasília, 2018.

VENTURA, Deisy; BARALDI, Camila. “A Unasul e a nova gramática da integração sul-americana”. **Pontes**, [s.l.], p.14-16, jul. 2008.

VIGEVANI, Túlio; RAMAZINI JUNIOR, Haroldo. “Pensamento Brasileiro e Integração Regional”. **Contexto Internacional**, [s.l.], v. 32, n. 2, p.437-487, 2010.

\_\_\_\_\_. “Autonomia, Integração Regional e Política Externa Brasileira: Mercosul e Unasul”. **Dados**, [s.l.], v. 57, n. 2, p.517-552, jun. 2014.